

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 85
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas, (Idem).....	4\$000	2\$000	-3-	-8-	
Estrangeiro (união geral dos correios).....	5\$000	2\$500	-6-	-8-	
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-8-	-8-	

1 DE MAIO 1881

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — Lord Beaconsfield, PINHEIRO CHAGAS — Exposição-bazar de Bellas Artes no Porto, MANUEL M. RODRIGUES — Carlos I, Rei da Romania, XAVIER DA CUNHA — As nossas gravuras — Viagem dos sr. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Miguel Angelo de Santo Thyro, ALBERTO BRAGA — Actualidades Scientificas: Machina phono-stenographica de Michela — A Lyra intima por Joaquim de Araujo, JAYME DE SAQUIER.

GRAVURAS. — Lord Beaconsfield — Lourenço Marques, Hospital em construção — Exposição-bazar de Bellas Artes no palacio de Crystal do Porto — Carlos I, novo rei da Romania — Viagem de exploração na Africa Equatorial, Corrida de buffalos a leste de Quiloco — Uma guerra nas margens do Cuango — Machina phono-stenographica de Michela — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Finalmente chegou a primavera. Fez-se esperar como uma *coquette* ou como a peça do sr. Antonio Ennes. Agora appareceram ambas ao mesmo tempo, e foi bem feito, porque a primavera que decerto imaginava ter uma recepção á príncipe de Galles, vêr toda a gente a esperal-a por essas ruas, de chapéu na mão, com o respeito e com o calor, teve de entrar por ahí dentro, sósinha, atravessar as ruas desertas da cidade, perguntando aos guardas nocturnos

o nome das ruas para não se perder no caminho, porque no theatro de D. Maria é ainda inverno, os camarotes e as platéas trasbordam todas as noites de publico como se o frio fizesse hater queixo nas ruas, e o calor não fizesse asphixias lá dentro. E' que o calor do entusiasmo destroe todos os outros calores, e esse calor não ha fogão nem sol de agosto que o desenvolva como os dramas do sr. Antonio Ennes.

— O drama tende a desaparecer do theatro. A comedia invade todo o mundo moderno, desde o lar domestico até ás altas assembléas politicas, desde os bastidores da vida até aos bastidores do palco.

A França não tem dramaturgos nem actores dramaticos. Dumas filho, quando aborda o drama, tem o *fasco* da *Femme de Claude*, Augier dá-se mal com o revolver que mata Olympia, Sardou resgata na *Dora*, no *Di-torçons*, os *fours* da *Haine*, dos *Di-ables noirs* da *Maison neuve* e da *Patricie*. Frederico Lemaître e Dorval não deixaram successão.

O publico de 1880 é difficil de commover. Não toma a serio as tragedias da vida como ha de tomar os dramas da scena. O que quer é rir, rir sempre, rir de tudo. Meilhac e Halevy costumaram-n'o a isso; Heuenequin, Delacour, Clanville, fazem-lhe arrebentar os suspensorios com as gargalhadas estridentes; Panleron e Gondinet fazem-n'o sorrir com a verve torrencial do seu espirito parisiense; Dumas, Augier e Sardou divertem-n'o sem o obrigarem ás fortes commoções violentas, e toda a litteratura franceza com temporanea não nos dá ha muito tempo um unico drama violento de successo litterario, como por exemplo nos dá a Hespanha, onde a comedia moderna não sorri, e onde ainda a farça arrebeta bexigas nas costas dos vegetes grotescos, e o punhal da tragedia faz correr rios de sangue que desaguam em occa-



LORD BEACONSFIELD (BENJAMIN DISRAELI) Fallecido em 19 de Abril de 1881

nos de lagrimas. Nós que vivemos muito mais da França que da Hespanha, não queremos chorar no theatro, somos profundamente rebeldes á commoção, a comedia tem-se alastrado por todos os nossos costumes patriarchaes e politicos, não ha coisa alguma que se tome a serio.

D'aqui vem uma difficuldade enorme para quem se quizer propôr a impressionar-nos fortemente com qualquer acção dramatica.

E' necessario primeiro que tudo ter-se um temperamento especial, para resistir á corrente e não desatar a rir quando uma phrase dramatica acode aos bicos da penna, ou uma situação commovente se desenha no cerebro.

Depois é difficilissimo fazer com que essa situação ao passar para o palco não faça sorrir o publico, que essa phrase ao passar do papel para os labios do actor não faça estourar gargalhadas.

Um drama sem ter muito talento, hoje, ou faz rir ou adormecer.

Esse muito talento tem Antonio Ennes, tem a nota dramatica por excellencia, sabe fazer vibrar a commoção, tira do choque de duas personalidades situações que arrancam lagrimas, encontra a cada momento a phrase que levanta as platéas enthusiasmas.

O *Luxo*, o ultimo drama do fecundo e festejado auctor, que o theatro de D. Maria deu por fim aos applausos do publico, tem todas estas qualidades brillantes e excepcionaes de Antonio Ennes. A critica, que no fim de tudo é muito mais facil de fazer, que fazer dramas, e que nunca está contente sobretudo com as obras originaes, tem n'esta peça, no fim de contas, como em todas as peças, muito por onde espraia a sua má vontade, as suas invejas pequeninas, os seus rancores de cuncho.

E' muito facil dizer mal de qualquer coisa, e de um drama chega até a ser bonito dizer-se mal. Ha uma immensidade de logares comuns que sempre fazem effeito, e encontram sempre ecco no desejo, muitas vezes quasi inconsciente, que existe no fundo de todos nós, de demolir reputações feitas, á disposição de quem quizer esphacelear a peça. Arte moderna, falta de logica, convencionalismo, inverosimilhança, rhetorica, falta de observação, processo antigo, tudo isto bem guisado com um molho de fingida protecção, dá um bello artigo, que produz um grande effeito á porta da Havana e nos corredores das secretarias d'estado. E' facilissimo de fazer, extremamente facil, muito mais facil do que escrever o *Luxo*. Creio que não é preciso demonstral-o, está demonstrado por si, ou antes, está demonstrado por elles.

Não quero, porém, com isto, dizer que a peça do sr. Antonio Ennes seja perfeitamente irreprehensivel e invulneravel. Não é, pelo contrario, é mais vulneravel que qualquer outra, exactamente pelas qualidades que lhe dão o successo enorme que está tendo sobre a grande massa de publico. Quanto menos o drama está no nosso gosto moderno, na nossa intuição artistica, quanto mais é necessario vibrar a tecla theatral para commover as multidões.

O processo theatral é muito differente do processo litterario, que o digam Flaubert com o seu *Candidato* e os Goncourts com a sua *Henriette Marechal*, e Zola com a sua *Therese Raquin*. Na comedia esses dois processos podem conciliar-se: pôde-se ser moderno e ter grandes successos theatraes, sem mentir á sua indole litteraria, nem ás formulas da nova escola. No drama tem sido até agora irreconciliaveis, e o *Assommoir* e a *Nana*, para não acompanharem pelo buraco do ponto a *Raquin*, os *Herdeiros Rebouard* e o *Bouton de Rose*, tiveram que passar pelas mãos de Busnach, um *faiseur* que lhe poz o *clou* que as levou até á centesima representação.

O drama moderno está ainda por fazer. E' possivel? Deve-o ser, mas até hoje, a evolução do drama tem sido muito mais lenta que a da comedia, e enquanto esta satisfaz plenamente as nossas aspirações, as nossas tendencias, o nosso gosto, aquelle está ainda envolto no convencionalismo antigo, um pouco modificado segundo os ideaes modernos, mas ainda muito longe d'elles.

E' por isso que as censuras que tenham que se fazer ao *Luxo* não são censuras á peça, são censuras ao genero como elle está hoje em toda a litteratura dramatica. A Hespanha por exemplo acclamou agora excepcionalmente um drama *El Gran Galeoto*, que nos parece valer muito menos que o *Luxo*, e que em Paris, e em Lisboa teria exito muito differente.

O *Luxo* é o drama mais notavel que n'estes ultimos tempos tem apparecido nos theatros de Portugal e de França; a scena final do segundo acto é uma scena perfeitamente moderna, estudada com um grande talento observador, apresentada com uma grande simplicidade realista.

Se o *Luxo* fosse uma successão de scenas assim, o drama moderno estava achado.

As scenas finaes do terceiro acto são magnificas, achadas com uma grande intuição dramatica, aproveitadas com uma profunda sciencia theatral. Não conheço nos melhores dramas francezes modernos muitas scenas que se lhe possam comparar.

O *Luxo* se como processo litterario presta flanco á critica, como processo theatral é uma verdadeira obra prima.

— Mas, estamos no fim da chronica e ainda não fallámos senão da nova peça de Antonio Ennes. E' uma excepção aberta nos nossos habitos de chronista uma excepção justificada pelo seu extraordinario successo e merecida pelo seu grande valor.

Além d'isso o *Luxo* foi a preocupação unica de Lisboa n'estes dias. Foi o acontecimento saliente e notavel da semana. Só partilharam com ella das atenções da capital os concertos Métra.

Estes concertos tem tido muita concorrência e muitos applausos. Nós só assistimos a um d'elles, mas n'esse ouvimos um dos trechos mais deliciosos de musica que tem chegado aos nossos ouvidos a *Dannation de Faust* de Berlioz.

Ha sobre tudo n'essa composição uma valsa, a valsa dos sylphos, que é extranha, phantastica, maravilhosa.

E agora, que o sol já queima, os passaros gorgeiam, as flores entornam o seu perfume na atmosphera tepida, vamos até ao campo, visitar a primavera que já cá está ha oito dias.

GERVASIO LOBATO.

LORD BEACONSFIELD

O homem que ha pouco desapareceu da scena politica e da scena do mundo, e o homem que hoje dirige os destinos da Inglaterra, são os exemplos mais frisantes da malleabilidade d'aquellas instituições inglezas, que, parecendo rígidas e inalteraveis, são no fundo essencialmente evolutivas, e onde todos os progressos se realisam, sem que pareça em nada alterar-se a estrutura exterior da constituição britannica. Assim é em tudo; ainda hoje o presidente da camara se senta no seu sacco de lã, pondo na cabeça, com uma sinceridade maravilhosa, a cabelleira dos *speakers* de 1688, mas debaixo d'essa cabelleira veneravel pulsam n'aquelles cerebros excepcionaes as idéas modernas do progresso. Assim sem revoluções, sem convulsões de especie alguma, mantem-se a Inglaterra sempre no seu logar á frente da civilização europeia. Caem na Europa continental os thronos e as instituições, inserem-se nas constituições novas os dogmas mais avançados, e os revolucionarios, depois de realisarem a sua obra mais ou menos ephemera, voltam desdenhosamente os olhos para traz para ver onde ficou a Inglaterra. Já a não encontram. De subito ouvem uma voz ao seu lado dizer tranquillamente: *All right!* Olham, é a Inglaterra, com a cabelleira do *speaker* na sua cabeça veneravel, mas com a mão firme na manivella da sua locomotiva que não fica atraz de nenhuma.

Singular paiz! Teve as suas revoluções no seculo xvii, teve o seu Luiz XVI, e o seu Bo-

naparte seculo e meio antes da França. Achou que tinha sido tolice, e emendou-se. Fechou a era das revoluções.

Mas como representam bem Disraeli e Gladstone essa indole especial das instituições inglezas e dos costumes britannicos? De um modo muito simples. A Inglaterra é um paiz essencialmente aristocratico, tem, como nenhum outro paiz, uma classe dirigente, que governa deveras, e que se divide em dois partidos, que afinal de contas, como o proprio Disraeli explica no seu ultimo romance, se entendem perfeitamente um com outro — o dos *whigs* e o dos *tories*.

Pois bem! o *leader* do partido *whig* é Gladstone — um plebeu, o *leader* do partido *tory* era Disraeli — outro plebeu.

Emquanto a França, por exemplo, estabelecia por meio de revoluções o suffragio universal, a Inglaterra tinha ainda os burgos podres, e uma infinidade de decrepitas instituições electoras. Pois com successivas reformas tem hoje o suffragio quasi universal, e, o que é mais curioso, o que é mais apreciavel, é que, enquanto ainda hoje, em pleno regimen republicano, o suffragio universal não leva á camara senão *des messieurs*, homens pertencentes ás classes dirigentes, na Inglaterra, o paiz essencialmente aristocratico, já se tem sentado operarios no banco da camara dos *commons*. Essa evolução curiosa é admiravelmente indicada por Disraeli no *Endymion*, romance politico que publicou pouco antes de morrer, quando nos mostra o manufactureiro Job Thornberry derrotando na lucta eleitoral um antigo deputado aristocrata, e afinal proximo a ser derrotado em novas eleições pelo proprio contra-mestre da sua fabrica, Enock Craggs.

Como se vê que estamos na patria de Herbert Spencer! E quanto tempo gataremos nós ainda em vãs declamações e em revoluções improficuas, antes de chegarmos a esta comprehensão serena da sciencia politica, que sabe apresentar as reformas necessarias no momento opportuno, quando ellas podem racionalmente produzir os seus fructos sazonados? Quantas republicas fundará a França, quantas *communes* ensanguentarão o seu solo generoso, quantos cesarismos brotarão ainda de todas as ruinas accumuladas pelas revoluções, antes de se conseguir o que a Inglaterra consegue tranquillamente, no jogo pacifico das suas instituições aparentemente anachronicas!

Emfim cada raça tem as suas tendencias e as suas aptidões especiaes, e os costumes inglezes transplantados para o continente dariam o mesmo resultado que dão as laranjas e os ananazes transplantados para Inglaterra! Além d'isso não devemos ser extremamente optimistas, e devemos reconhecer que tem reverso este quadro brilhante. Que o diga a Irlanda!

Tratar estas largas e importantissimas questões n'um artigo rapido do OCCIDENTE seria impossivel. Limitemo-nos ao nosso assumpto.

E' curioso seguir nas paginas da moderna historia ingleza o duello gigante que se travou entre esses dois homens, um dos quaes acaba de succumbir em todo o vigor dos seus setenta e seis annos, verdes como um inverno inglez — Gladstone e Disraeli.

Começou a lucta ha muito tempo; eram ambos escriptores, um traduzia Homero, e estudava as idades primitivas da Grecia, o outro escrevia romances — *Coningsby*, *Sybil*, *Tancred*. Entraram no parlamento quasi ao mesmo tempo, ambos se collocaram debaixo da égide de Robert Peel, mas Disraeli abandonou-o quando Robert Peel se mostrou partidario da liberdade de commercio. Gladstone foi pelo contrario o mais fiel logar tenente de Robert Peel n'essa campanha economica. Entraram no ministerio em épocas proximas, tiveram a capitania dos seus partidos quasi ao mesmo tempo, Disraeli por morte de lord Bentinck, Gladstone por morte de lord Palmerston. Foram primeiros ministros em seguida um ao outro. Então começou a lucta encarniçada, que não deixou de fazer algum mal á Inglaterra. Quando Gladstone levava a Inglaterra para a direita, Disraeli empurrava-a para a esquerda Gladstone

seguia a politica abstencionista, Disraeli mettu-se nas complicações europeas; Gladstone evitava as conquistas, Disraeli annexava o Transvaal e a ilha de Chypre, e mettia a Inglaterra na guerra do Afghanistan. Estavam sempre com o olho um no outro, estes dois luctadores. Quando Disraeli comprava as acções todas do canal de Suez, e excitava assim o applauso da Inglaterra, atordoando as outras potencias, fechava-se no seu gabinete, e dizia esfregando as mãos: Apanha Gladstone. Este entretanto, mettido na sua propriedade de Hawarden, não podendo fazer mais nada no meio do concerto de elogios com que a Inglaterra applaudia esse acto de lord Beaconsfield, fazia exercicio derrubando um carvalho a rudes machadadas, e n'essa gymnastica o encontrava uma deputação que o ia procurar. O carvalho era Disraeli.

Depois mudaram as scenas. Gladstone foi para o ministerio, e Disraeli para a sua propriedade de Hughden. Elle não tinha muitas forças para derrubar carvalhos, mas flava-se nos machados irlandezes, e ao ver Gladstone com os pés enfiados em todas as redes que elle lhe deixara: guerra do Afghanistan, questão do Oriente, questão irlandeza, Transvaal, esfregava as mãos satisfeito, e dizia de si para si: Derruba esses carvalhos, Gladstone!

A lucta era tal que se diria que tinham um e outro as doenças ás suas ordens. Gladstone, como sabem esteve a morrer não ha muito tempo ainda, mas o carvalho resistiu; mais debil e mais velho, chegou a sua vez a Beaconsfield, e o carvalho tory caiu.

A lucta acabou.

Estamos profundamente convencidos de que esta animosidade evidente, entre dois homens illustres, não contribuiu pouco para os seus erros politicos. Disraeli não teria mettido a Inglaterra nos azares de uma politica romanesca, se não quizesse desacreditar para todo o sempre a politica mercantil de Gladstone. No tempo de Gladstone a baudeira ingleza fora insultada pelos allemães, e os francezes, furiosos de verem que a Inglaterra não pedia uma satisfação solemne, diziam que essa satisfação já a recebera Gladstone, porque pedira simplesmente o pagamento dos metros de seda do estandarte rasgado pelos soldados de Moltke. Disraeli não quiz expôr-se ás mesmas censuras. Quiz ser Tancredo como um dos seus heroes. D'ahi a infeliz cruzada do Afghanistan.

Pelo seu lado Gladstone não se veria hoje em tantos embaraços politicos, se, declarando guerra mortal á politica de Disraeli, não tivesse feito na opposição declarações que se vê agora obrigado a renegar. Acreditamos sinceramente no excellente coração de Gladstone, consta-nos que elle mandava todos os dias saber como estava Disraeli, mas estamos convencidos que, no fundo mais escuro do seu gabinete, quando se achou bem só, bem só, solton um suspiro de allivio com a noticia da morte de lord Beaconsfield. Não! que vê-se livre agora finalmente do sorriso sarcastico do auctor do *Lady-maid*, esse sorriso que desfranzia no parlamento os labios do velho judeu, quando Parnell fazia perder a cabeça ao chefe dos *whigs*, quando chegava a noticia da expedição de Tunis, e das derrotas no Transvaal e das complicações da Grecia. Sorriso maldito, sorriso endiabrado, sorriso de Shylock, sorriso que significava, como o do judeu de Shakespeare: «Ah! escarneceste-me! ah! derrubaste-me nas eleições! ah! amarraste-me nos *meetings* ao pelourinho da tua eloquencia implacavel e imprudente! pois agora paga! paga já para aqui um arratel da tua carne! e não teas uma Porcia que me impeça de colher tambem o teu sangue! e que me importa a mim, que sou de raça italiana-judaica, que me importa a mim que essa carne e esse sangue sejam tambem o sangue e a carne da Inglaterra!»

Sim, querido Gladstone, sempre é um allivio ver-se a gente livre de um sorriso d'estes! Pronuncia agora sobre o tumulo do teu rival as mais sentidas orações funebres! mostra-te bem compungido! acredita mesmo, acredita que de veras o estás! no fundo, bem no fundo da tua consciencia, ha de uma voz secreta murmurar

tão baixo, que tu proprio a não oigas, esta oração funebre, sincera:

— Que o leve o diabo!

PINHEIRO CHAGAS.

EXPOSIÇÃO-BAZAR DE BELLAS-ARTES

NO PORTO

O Centro Artistico Portuense, flôr's intenções de propaganda civilisadora que influenciaram a sua organização, acaba de realizar o seu primeiro certamen de bellas artes e artes industriais no Palacio de Crystal no Porto, tendo a ventura de ver secundados os seus esforços pelo auxilio prestante de artistas e colleccionadores considerandos e de corporações respeitadas, que se apressaram a corresponder dignamente ao apello que lhes foi dirigido por aquella nascente agremiação.

Este facto, que traduz uma prova de incitamento valioso á iniciativa particular, ha de necessariamente produzir os seus benéficos effeitos, tanto mais que destinando se essas exposições ao desenvolvimento do gosto publico, estabelece-se n'ellas ao mesmo tempo um bazar annual onde os artistas podem ir mover o aprego prestante dos colleccionadores intelligentes.

Esse aprego, se pelo lado mercantil ainda não atingiu o ponto culminante de uma justa e activa compensação ao verdadeiro merito, ha de indubitavelmente augmentar ao mesmo passo que a evolução se fór produzindo no meio ainda bastante indifferente em que a arte permanece entre nós; e na constancia dos seus cultores, na sua intacta animação, e na persistencia do seu concurso a esses torneios do bello, está o alcançar-se n'um espaço mais ou menos breve, a méta do ideal a que todos dirigem as suas vistas esperanças.

Para esse fim trabalha com empenho o Centro Artistico do Porto e a prova está a dando na organização das suas exposições annuaes e em outros empreendimentos por igual uteis e importantes para o futuro da arte nacional.

A actual exposição, se pelo numero dos trabalhos exhibidos não satisfaz as meticulosas exigencias dos que entendem que a nossa elaboração artistica podia alli manifestar-se em oppulencias mais brilhantes, deveu contudo contentar os que viram n'ella um ensaio feliz e animador, resultado a que apenas miravam as aspirações modestas de quem a promoveu.

No entretanto convem notar, que uma exposição artistica portuense a que concorreram uns oitenta e tantos quadros, dos quaes apenas sete antigos; em que a architectura e a esculptura se fizeram representar por meio de trabalhos valiosos, em que appareceu um numero crescente de desenhos e gravuras, em que as artes industriais se exhibiram quer em especimenes originaes quer em estampas numerosas de interessantes colleções; em que se reuniu uma importante serie de reproduções dos nossos monumentos, das pratas antigas existentes nos paços reais e nos nossos templos e dos desenhos e pinturas dos grandes mestres nacionaes e estrangeiros; e finalmente em que se colleccionou uma secção da nossa litteratura de arte, — essa exposição, certamente, nem pôde considerar-se mesquinha, nem reputar-se destituida de interesse.

Muito pelo contrario agremiaram-se n'ella curiosos elementos de estudo, que bastante deviam aproveitar aos nossos artistas e industrias se estes, por ventura, comprehenderam o alcance de um certamen, em que pela primeira vez, no nosso paiz, se viram unidos em um amplexo de confraternal alliança as bellas artes e as artes industriais.

Esta circumstancia, que de por si recommendava a tentativa iniciada pelo Centro Artistico e que naturalmente ha de repetir-se nas exposições subsequentes, tenderá sem duvida a produzir resultados importantes, tanto mais se as nossas academias, observando uma das disposições da reforma ha pouco publicada, enviaressem igualmente os seus cuidados e a sua preponderancia no mesmo intuito racional e proveitoso.

Eis o que foi a primeira exposição promovida pelo Centro Artistico Portuense e o futuro melhor ha de demonstrar se germinaram com dourados fructos, as foivadas sementes que esta prestante Associação está lançando ao campo pouco desbravado da nossa existencia artistica.

MANUEL M. RODRIGUES.

CARLOS I REI DA ROMANIA

A imitação d'aquella fatidica voz que em Roma dizem ter-se ouvido clamar:

Vão-se os deuses!

ondulam na atmosphera dos n'ossos tempos não sei que vagos sons annunciando intero crenatamente:

Vão-se os reis!

E entretanto surgem de espaço a espaço novos exemplos como a desmentirem essa prophacia. Voltam do desterro ao esplendor do solio dynastias destronadas. Eguem-se novos thronos em regiões onde á magistratura suprema não andavam annexas as honrarias da dignidade real. A Romania, que ora acaba de elevar-se á categoria de reino, é d'estes factos que deixo mencionados o recentissimo exemplo. O Occidente, estampando em suas paginas o retrato do principe em cujas

mãos está hoje o melindroso incargo de presidir aos destinos da nova monarchia, consigna um dos factos de veras importantes na politica da Europa.

N'uma graciosa photographia que em 1861 foi entre nós exposta á venda, e de que já hoje difficil será por ventura colher algum exemplar, figuram sentados no primeiro plano el-rei D. Pedro V e sua formosa irman, a infanta D. Antonia, que n'esse anno havia contrahido nupcias com o principe Leopoldo de Hohenzollern-Sigmaringen. O noivo estreita affectuosamente com a dextra a mão direita da sua gentil esposa, apoiando a esquerda no espaldar da cadeira d'el-rei. Em volta d'este grupo central deparam-se os tres irmãos mais novos de D. Pedro V. Por detraz d'el-rei e do infante D. Fernando destacam em segundo plano, como complemento do grupo, os vultos familiarmente abraçados do infante D. Luiz e do principe Carlos de Hohenzollern, irmão do nubente.

Quem lhes diria no meio das alegrias intimas com que então se lhes inflorava a felicidade do lar domestico e lhes sorria da preocupação a existencia, — quem lhes diria, a tres d'aquelles principes, que dentro em pouco teriam seus nomes de figurar nas mais altas situações da politica europea?

E todavia assim foi.

Em novembro d'essa mesmo anno albergavam-se no carneiro regio de S. Vicente de Fora, orvalhadas pelas saudades lagrimas de um povo todo, as cinzas de um rei-modelo. A D. Pedro V da Portugal, fallecido em annos verdissimos, succedeu na corô o infante D. Luiz, seu irmão.

Novo annos depois a Hespanha, expulsos do solio os Bourbonns, convidava para o throno vago o principe Leopoldo de Hohenzollern. Dolorosas e mal cicatrizadas estão ainda as feridas a que esse episodio politico deu pretexto na lucta cruentissima, travada entre a Prussia e a França.

Finalmente em 1877 rebenti a guerra da Russia contra a Turquia; de um lado as ambições, nunca extintas e mal disfarçadas do colosso do norte; do outro lado o fanático obscurantismo dos musulmanos a estorcer-se nas visceras de uma agonia imminente; de permoço entre ambos, calada e opprimida enlora, mas nobre e generosa, a justa aspiração dos povos que sonham com o seu risonho ideal de liberdade, e por ella pugnam, e cheios da alargação se lhe sacrificam. Figura no numero d'estes a Romania, cujo heroico e desassombrado papel n'essa lucta entre o czar e o sultão assaz lhe grangeou o direito de ser em 1878 proclamada como principado independente. Chegou-lhe agora a vez de affirmar vigorosamente a sua importancia entre os demais estados europeus, assumindo a categoria de reino.

O principe Carlos de Hohenzollern, eleito *hospodar* da Romania por solenne plebiscito em abril de 1866 e definitivamente reconhecido como tal pela Sublima Porta em outubro d'aquelle mesmo anno, é o actual soberano da nova monarchia.

Deve-lhe a Romania grandes reformas e melhoramentos; deve-lhe serviços relevantissimos no tocante á sua organização militar, ao desenvolvimento do seu commercio, ao augmento da sua agricultura, ao adiantamento das suas industrias, á multiplicação incessante das suas vias communicativas, á propagação das escolas, á diffusão da instrucção publico, — a tudo enfim quanto significa applicar a actividade humana ao progresso de um paiz, crear-lhe fontes de prosperidade e florescencia, rasgar-lhe em summa largos horizontes na senda da civilização.

Reservado está, pois, um porvir brillantissimo áquello povo, que ora representa no oriente da Europa a mais genuina expressão da liberdade. Graves responsabilidades lhe incumbem, porém, entre a politica das mais nações. A monarchia, que hoje se ergue como esplendorosa aurora, não basta affirmar seus direitos estacionariamente desvanecida na contemplação dos seus cinco milhões de subditos distribuidos pela avultada área de 151.000 kilometros quadrados. Cumpre-lhe não alornecer á sombra dos louros colhidos; cumpre-lhe cada vez mais, dar razão ao congresso de Berlim que em tempos lhe sancionou a independencia e á votação da assembléa legislativa que ora acaba de conferir ao seu principe o titulo de rei.

Felizmente Carlos I é um monarcha illustradissimo.

Casado desde novembro de 1869 com a princeza Paulina Isabel, filha do fallecido principe Hermano de Wied, — o rei Carlos tem a ventura de encontrar na sua esposa não só uma dama da mais apurada educação, cultura inclusivamente das bellas-lettras e poetica que merece mesmo enumerar-se entre as mais distinctas, mas sobretudo, e o que é mais para louvar, um modelo de virtudes a que todo o povo romãoico sabe tributar o preto devido.

Talhado para os grandes arrojões sob aquella constante feição de fria imperturbabilidade que o caracteriza, o rei Carlos da Romania ha-de continuar correspondendo ás esperanças que n'elle têm sempre depositado os seus subditos.

A physionomia grave, intelligente e serena, que o povo portuguez teve occasião de apreciar-lhe quando nos dezenove annos de idade aqui veio assistir em Lisboa ao consorcio de seu irmão Leopoldo, revela circumspecção e fino tacto politico.

Quarenta e dois annos conta apenas o rei Carlos, por que nasceu aos 20 de abril de 1839. Esta portanto no florescente vigor de todas as suas faculdades, no brillante apogeu dos seus predicados pessoais. Talento e aptidão não lhe fallecem; antes n'elle avultam os elementos propícios para se lhe futurar um exito feliz na gloriosa missão que lhe incumbe; sobram-lhe mórmente o bom senso e a moralidade, — qualidades indispensaveis em todo aquelle sobre quem recae o gravissimo incargo de velar pelos destinos de um povo.

E, a avaliar pelos precedentes do seu governo como simples *hospodar*, o nome do novo monarcha terá de ficar lisongeiramente assignalado na historia.

XAVIER DA CUNHA.



LOURENÇO MARQUES. — HOSPITAL EM CONSTRUÇÃO (Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

HOSPITAL DE LOURENÇO MARQUES

Em 1877 a casa que servia de hospital em Lourenço Marques era um pequeno quarto da praça de Nossa Senhora da Conceição.

É impossível conceber coisa mais impropria, pobre, infecta, e acanhada. O mesmo quarto, sem luz nem ventilação, humido e quasi em ruínas, servia a um tempo de botica, administração, enfermaria de homens e mulheres, de brancos e pretos, de soldados e sargentos. Era verdadeiramente horrroso, indecente, vergonhoso. Quando em janeiro de 1877 saiu de Lisboa o trans-

porte *Africa* com o pessoal que ia para Moçambique trabalhar no serviço de obras publicas, mandou o governo n'este navio dezesseis casas de madeira destinadas a serem armadas em Lourenço Marques para servirem de quartel a uma força militar.

Uma tal medida foi verdadeiramente providencial, porque taes casas depois de armadas poderam ser im-



EXPOSIÇÃO. — BAZAR DE BELLAS-ARTES NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO (Desenho do natural por Marques Guimarães)

diantamente aproveitadas para hospital provisório e serviços correlativos, o que foi já um notável progresso em relação ao que existia.

Isto porém não dispensava a construção de um edificio permanente em boas condições para hospital, e semelhante necessidade apresentava-se com urgência tão manifesta, que o pessoal das obras publicas d'aquella secção se empenhou em satisfazer-a quanto antes.

A nossa gravura, reprodução d'uma photographia que nos enviaram de Lourenço Marques, representa o estado de adiantamento em que se achava este edificio em fevereiro do anno corrente.

O projecto respectivo foi elaborado pelo engenheiro Ferreira Maia, e a sua execução principiou em janeiro de 1878.

Estaria desde muito concluido se os trabalhos não tivessem sido interrompidos por diversas vezes em consequencia da falta de dinheiro e de materiaes.

Este hospital, d'uma architectura eminentemente simples, tem capacidade para oitenta camas, e contém enfermarias geras, quartos para doentes particulares, gabinetes para facultativos, botica, laboratorio, quarto para pharmaceutico, quartos para enfermeiros, arrecadações de generos e de roupas, quartos para banhos, retretas, casa mortuaria, gabinete para autopsias, capella, cozinha, um espaçoso jardim central, etc., etc.

É portanto um edificio assaz vasto e que poderá prestar optimo serviço por muitos annos, mesmo que se realizem as justificadas previsões do desenvolvimento d'aquella colonia.

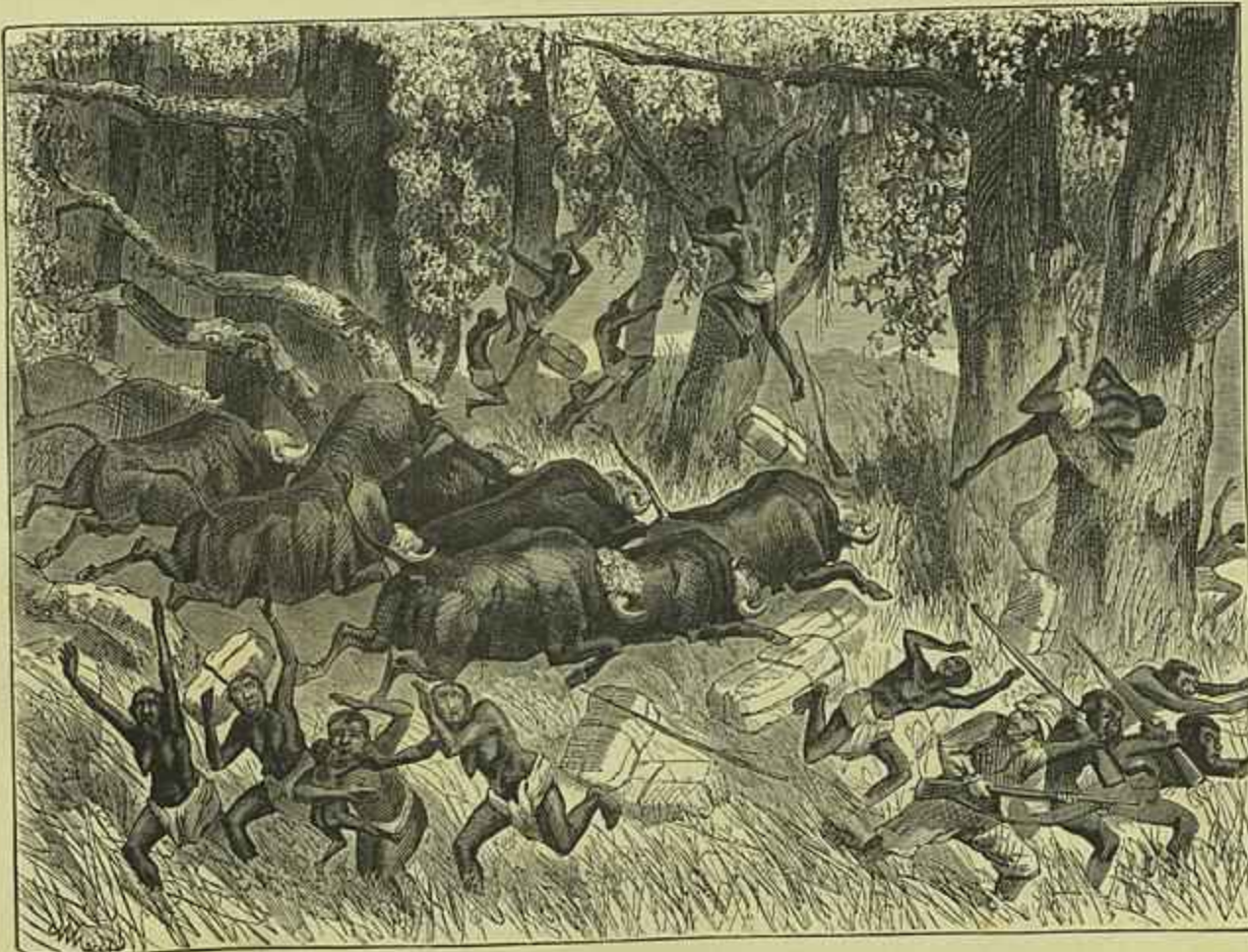
O local escolhido para esta construção é alto desaffrontado, luttido de ventos, salubre, e d'elle se goza uma agradável vista do porto e da antiga villa.

Infelizmente porém este edificio ainda não está de todo concluido, faltando-lhe acabamentos que embora insignificantes não permittem que elle seja desde já



CARLOS I NOVO REI DA ROMANIA
(Segundo uma photographia de Logeune)

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



CORRIDA DE BUFFALOS A LESTE DE QUIDCO (Segundo um desenho dos exploradores Capello e Ivens)

utilizado no serviço a que o destinavam. E a lamentável interrupção de todas as obras publicas da provincia, ultimamente determinada, foi com que ficasse abandonado de cuidados e de conservação, incompleto e portanto inutil, um edificio d'esta ordem na construção do qual se havia já despendido perto de 35:000\$000 réis!

Diz-se por ahí todos os dias que não temos dinheiro, que não possuímos meios para fazer desenvolver e prosperar as colonias!

Pois nós estamos profundamente convencidos que o que principalmente nos falta é sciencia administrativa, juizo, methodo, e bom senso pratico, que nos impeça de consumir a nossa actividade em desorganizar e destruir hoje o que hontem fundamos á custa de muito trabalho e despesas.

Não temos actualmente meia duzia de contos de réis para concluirmos obras de reconhecida utilidade, desde muito reclamadas, e que já importaram em sommas consideraveis; mas houve em 1868, quando o estado da fazenda publica era muito mais difficil, 3:000 contos para gastar na guerra da Zambesia, de triste memoria, d'onde só colhemos perdas importantes, vergonhas e misurias.

VIAGENS

DOE SRS.

HERNENEGILDO CAPELLO E R. IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

XI

Para completar a descripção que o OCCIDENTE tem publicado, antes de nenhum outro periodico no mundo, da notavel viagem n'Africa dos srs. Capello e Ivens, — como já o fizera a mesma folha, antes, á celebre travessia de Serpa Pinto, — resta apenas notar alguns dos episodios mais caracteristicos das difficuldades que elles, como todos os viajantes, encontraram n'aquellas extraordinarias terras.

O europeu que começa a viajar em Africa sente-se como que rodeado de inimigos. Parece que uma natureza hostil, multiplicando-se em meios de aggressão, o cerca para o destruir.

Os leões, os buffalos, os elephantes e, enfim, todos os grandes animaes aggressivos são inimigos diante dos quaes o homem póde preparar a sua coragem e os seus meios de defeza. Mas o mundo immenso dos reptis é particularmente terrivel, mysterioso, traiçoeiro, inesperado. Muitas vezes ao acordar, de manhã, os exploradores viam, a pequena distancia, cobras, escorpões cujas mordeduras ás vezes paralyam todos os movimentos dos braços e das pernas.

Em qualquer ponto das selvas onde um acampamento se estabeleça, os ratos apparecem immediatamente aos milhares e, logo apoz, as cobras que vivem d'elles vem, numerosissimas, dar-lhes caça.

E, ás vezes, as astes do capim e as proprias rama-

das das arvores parece haverem-se animado em reptis repugnantes.

Dos malefícios do clima e das terras já se sabe também: altas temperaturas, variações rapidísimas, terrenos alagados, miasmas terribes e a febre, soffrendo a qual tem de se explorar, de se caminhar, de se observar, de se estudar, de pensar, de mandar, de combater.

São já hoje bem conhecidas as immensas dificuldades que muitas vezes os povos indígenas offercem a que os brancos atravessam os territorios onde elles se acham estabelecidos. Uma vez pertendem por esta forma cobrar tributos, obter presentes; mas outras, querendo sobretudo evitar que lhes tirem o monopólio da exploração commercial de certas regiões, de nenhum modo se deixam convencer a dar passagem.

Um dia que Capello e Ivens se preparavam a atravessar o Cuango n'um barco de cautchou viram-se ao mesmo tempo assaltados por uma tempestade e por uma immensa multidão de Bangalas e Mohungos.

Estavam os carregadores, estenuados pela marcha e pelo calor, bebendo soffregamente na margem do rio, quando ao longe se ouviu distinctamente um toque de tambor:

Era uma guerra que se aproximava.

A chuva, copiosa e fortemente batida pelas rajadas do vento, chegou porém primeiro. O rio transbordou pouco depois e os Exploradores acharam-se, dentro da agua d'elle, alagados até aos tornozellos. Os trovões ribombavam violentamente, e só os relampagos abriam rasgos luminosos no meio d'um espesso nevoeiro negro. Assim estiveram uma hora.

Entretanto as tribus, com effeito em guerra, haviam avançado, cercando completamente a pequena caravana portugueza. D'um lado os Bangalas, na margem que os Exploradores não haviam podido deixar; do outro os Mohungos, que a pouco e pouco vinham chegando, prolongando a sua linha negra e, a cada momento, mais cerrada.

Todos agitavam as armas, as zagaias longas, os arcs e settas, as lazarinhas, em pantomimas ameaçadoras, apontando ás vezes as armas aos chefes brancos do bando explorador, no meio d'uma gritaria incessante que chegava a dominar as bateduras continuas dos instrumentos de guerra.

Esta é de ordinario a tactica de que se servem: Raras vezes passam da ameaça, a não ser que os brancos sejam os primeiros a fazer fogo. D'esta vez porém uma setta chegou a passar, despedida com força do arco, por sobre a cabeça d'um dos Exploradores portuguezes.

Um velho regulo que acompanhava Capello e Ivens conseguiu em fim parlamentar com os selvagens que lhe perguntaram:

— *Obé rié?* (Quem és?)

— *Di T'chin-bundo* (Son T'chin-bundo).

— *U-oh-ec-Bihe?* (E's do Bihe?)

— *Eh-o-ah.* (Sim.)

— *Ua tund'api?* (Donde vens?)

— *Mo Cassandji.* (De Cassange).

— *Ua oend'api?* (Para onde vaes?)

— *Co Peinde.* (Para o Peinde).

— *Cá ná, Bindelle ca-pondola ó cupita* (Não, os brancos não podem passar.)

Em vão um dos Exploradores foi á presença do chefe, o Banza e Lunda, e lhe offerceu presentes. Não os deixaram com effeito atravessar o rio.

Essa noite, passada na margem alagada do Cuango, foi uma das mais penosas da difficil viagem.

Dentro de pequenas palhoças nas quaes o chão estava, como todo o terreno em volta, inteiramente ensoado em agua, os Exploradores, embrulhados nos seus gabões molhados, terribando e, ao mesmo tempo, escaldando de febre, pertendiam em vão descansar. A agua que lhes enchia a cama e o fato caia ás grossas gottas sobre as suas cabeças; e todavia uma ardente sede os devorava.

A tempestade continuava entretanto. Ladrões entravam no *Quilombo*, e eram presos; o cosinheiro e outros pretos, aterrados, fugiam

durante o escuro; um dos rapazes da caravana era picado por um escorpião negro que o paralytava, — e tudo isto, sobrevindo durante a noite, tornava impossivel o repouso e augmentava ainda a febre.

Quando de manhã partiram para procurar passagem mais praticavel, a mesma hostilidade dos indígenas os ameaçava em toda a parte e, durante horas, perdidos e alagados, no meio d'um immenso juncal, divagavam entre as altas vegetações das gramíneas, dos papyrus, das typhaceas, por entre as quaes as emanações fetidas das corrupções pantanosas vinham suffocar-os e augmentar-lhes a febre enlouquecedora e incessante.

Os gritos, o ruido, a gesticulação violenta, os desenhos e pinturas salientes, são os meios de guerra mais empregados pelos povos d'aquella parte d'África para vencer pelo medo e, por vezes, sem combate, os inimigos.

Muitas vezes, tentando intimidar por esta forma a Expedição portugueza, numerosas tribus apenas empregavam, como ultimo meio para a vencer, a fome, não lhe fornecendo alimentos.

Um dia, entre os Muhungos, os Exploradores, que deviam esperar pelo soba, o *grande Mafuchila*, que se puzera em marcha para os ir ver, resolveram proseguir sem essa cerimonia a viagem para o norte.

Os povos indígenas porém, levantados em guerra, vieram cercal-os com todas as habituaes demonstrações ruidosas e intimal-os a que esperassem pelo *soba* senhor d'aquellas terras.

Depois d'uma primeira e larga contestação os Mohungos, sem os atacarem, abriram o seu circulo de guerra, e deixaram-n'os passar na direcção das terras do norte.

A poucas horas de marcha julgaram mesmo Capello e Ivens reconhecer que não eram seguidos, nem sequer de longe, pelas hordas dos Mohungos.

O encontro d'uma Sanzalla revelou-lhes porém logo qual era o plano de combate: A povoação estava deserta, os habitantes, abandonando-a, haviam levado consigo todos os alimentos, todos os utensilios, tudo enfim que podesse, além das cabanas, prestar alguma utilidade aos viajantes.

Este abandono faz-se, em Africa, ao menor aviso, com uma extrema rapidez.

E' assim que o viajante, isolado, tem de acabar ou por ceder ás pretensões dos povos que encontra, ou por morrer á fome.

Os Exploradores comprehenderam facilmente a terrivel alternativa que os ameaçava, mas continuaram a caminhar para o norte.

Cerca do meio dia encontraram um lago; Teria este umas duas milhas de cumprimento: tinha a agua limpida, serena; as margens cobertas de massicos de vegetações. Em volta havia um grande silencio tranquilizador.

Ahi descansaram; e, enquanto determinavam as coordenadas geographicas do sitio e colhiam as conchas que eram numerosas, procuravam como alimento os fructos do Guiguenque abundantes na região.

A este lago chamavam os indígenas *Tibre*.

(Continua)

ALBERTO DE CERVAES.

MIGUEL ANGELO DE SANTO THYRSO

O artista desembarcou no Rio de Janeiro, confiado em que todas as confrarias o viriam reclamar, á chegada, para renovar a pintura dos hospitaes.

Accudiam-lhe á memoria as palavras animadoras do mezario de Braga; mas — que cruel desillusão! — saltou do bote sem conhecer ninguem que o alentasse e o protegesse.

Os pretos tapuyas acudiam em chusma, em volta d'elle para lhe carregar a bagagem.

— Bem — pensou de si para si — já vejo que o retrato de qualquer carrejão pode dar um S. Benedicto.

E accometteram-no de subito, em meio d'aquella horrivel desolação, saudades lancinantes da patria. Via a desgraçada mãe e a pobre irmã, duas santas creaturas, que elle deixara na sua aldeia, a chorar, inconsolaveis, estacadas á porta da casa, acenando-lhe com um lenço, que elle via tremular de cima da diligencia, até desaparecer de todo na curva da estrada, onde havia umas sebes muito altas!

Teve tentações de voltar para bordo e retroceder á patria; mas fez-se de coragem, enxugou no canhão da jaqueta as primeiras lagrimas, que lhe annuviavam os olhos, e dirigiu-se para uma estalagem, na companhia d'outros emigrados!

A sorte foi-lhe adversa no Rio de Janeiro. Procurou trabalho que lhe grangeasse os meios indispensaveis de subsistencia, e nem sempre o encontrou, como esperava.

Volvidos dois annos, apurou algumas economias, transferiu-se para Pernambuco, onde tinha um primo, que era carregador n'um trapiche.

Viviam ambos no mesmo quarto, muito amigos, falando sempre da patria, consolando-se assim mutuamente das saudades, que os entristecia!

Em Pernambuco ia-lhe a vida mais favoravel. Os conhecimentos do primo valeram-lhe a que ganhasse mais do que no Rio. Estava, pois, occupado, a pintar o casco dos navios mercantes, que alli iam consignados dos portos de Portugal.

Um dia porém (não ha bem que sempre dure!) o Antonio do Bacello entrou em casa mais cedo do que o costume. O primo, que entrava sempre ao anoitecer, pasmou de o ver n'esse dia muito triste, acabrunhado, com os olhos injetados e os labios tremulos e escumantes. Apertava convulsivamente na mão uma carta, que lia, relia, e nos lances mais desgraçados, levava os punhos cerrados á cabeça, rugindo furioso.

— Tu que diabo tens, homem? — perguntou-lhe o primo, que assistia de lado a tudo aquillo.

— Deixa-me, deixa-me, que eu arreberto, se não parto já para a terra.

Pensou o companheiro que uma noticia funesta teria vindo de Portugal. Aproximou-se do desgraçado rapaz, e pediu-lhe carinhosamente que lhe deixasse ver a carta. Antonio de Bacello entregou-lha, e cahiu de bruços sobre o leito, a chorar afflictivamente.

A carta vinha de um amigo e visinho do pintor. Dizia-lhe que o novo abbade de tal modo desencaminhara a Maria da Piedade, que já em toda a freguezia se não fallava n'outra coisa! Contava mais que o padre entrava alta noite em casa d'ella, enquanto a mãe dormia, e elle proprio o vira de lá sahir, uma vez, quando ia para a sega, ao amanhecer do dia.

E rematava, lamentando que a pobre rapariga fosse a *escandola* da terra! Que viesse elle quanto antes, etc., etc.

Imagine-se como ficaria o irmão! Pasmou, chorou, sentia o coração estalar-lhe no peito; e, quando a dôr o suffocava, levava as mãos á cabeça e arrepellava-se todo!

Por uma formosa manhã de junho, a Josefa tecedeira, logo depois do almoço, sahiu de casa, com um cesto de meiadadas á cabeça. Atravessou um cancello, e parou em meio d'um campo, onde já se tinha feito a sega. Poitou o cesto de lado, e foi retirando gettosamente meitada por meitada, e estendendo-as sobre a resteva, para as côrar.

Os lavradores, que passavam pelo carreiro que orlava a bouça, saudavam-n'a sempre, gritando:

— Viva lá, tia Josefa! Então já na lida?

A velha aprumava-se, punha a mão sobre os olhos por causa do sol, e respondia:

— Guarde-te Deus, ó João! Podéra! Vamos aproveitar este sol. Dá lá visitas á tua patrão.

Estendido todo o linho ao sol, a tecedeira

ergueu o cesto do chão, sobraçou-o d'encontro ao quadril, e desandou para casa, a resar a meia voz.

Ao transpôr porém o cancello, sahio-lhe ao encontro um homem vestido com uma roupa de cutim, e chapéu de palha. Estendeu para ella a mão e pediu:

— Dê-me a sua benção, madrinha.

A velha estacou de sobresalto; e até com o susto e o abalo, repetiu alto estas palavras: T'arrenego, inimigo! sume-te!

Assim que o reconheceu, deixou cair o cesto, e atirando-se para os braços do rapaz, exclamou:

— Ó Antonio! . . . Pois és tu?! Ó Antonio! Ó rapaz! Eu estou a sonhar!

Elle a chorar de commoção, apertado nos braços da pobre velha, pedia-lhe:

— Deite-me a sua benção, minha madrinha.

Ella abençoava-o, beijava-o, fitava-o repetidas vezes:

— Tu estás um homem, Antonio! Tu vens mesmo um brasileiro, rapaz! Tu estás outro.

Passada a grande effusão, a tecedeira dirigiu-se para casa, la amparada ao hombro do afilhado, muito direita, radiante de jubilo, a sorrir, como noiva feliz pelo braço do amante carinhoso.

O Antonio do Bacello, olhava d'um lado e do outro; e aquella encantadora aldeia, que tanto amara, e que tantas lagrimas de saudade lhe fizera chorar, no Brazil, agora via-a com olhos de profunda tristeza.

— Vês este sobreiro aqui? — disse a tecedeira, parando de repente.

— Vejo, vejo; que tem, minha madrinha?

— Era assim, quando tu partiste — tornou ella, levando a mão acima da cabeça — e olha-me agora como está grande, grande! . . .

O pintor encontrou a casa da madrinha, como a tinha deixado no dia da sua partida.

La estava o tear no mesmo sítio, ao fundo, junto do postigo, que abre para o atalho. Ao pé, a arca de castanho; depois a cama, e, por cima do espaldar do leito, a mesma imagem encaixilhada do Bom Jesus do Monte. Tudo na mesma!

O pintor sentou-se na arca, ao lado da madrinha; e ia a principiar a fallar, quando a tecedeira lhe perguntou:

— E como achaste tua mãe? E a Maria?

— Ainda as não vi — respondeu peremptoriamente o Antonio de Bacello.

A velha olhou-o a fito, de bocca aberta, e disse-lhe:

— Como não viste?

— Nem lá vou, sem saber se é verdade o que me traz á terra.

E referiu então á tecedeira tudo o que lhe dissera o amigo para Pernambuco.

A velha benzia-se repetidas vezes; e, quando o afilhado proferiu o nome do abbade, denunciando-o como seductor, atalhou logo:

— O sr. Padre Matheus! . . . Ó rapaz, que isso até é um peccado! O sr. Padre Matheus é um santo.

— É um maroto, é o que elle é — oppoz rancorosamente o pintor.

— Não me digas isso outra vez, Antonio. Tu não estás bom, Antonio.

— E se fôr? — teimou elle.

— Aquillo é a bondade em pessoa; todo elle muito grave, amigo dos pobres . . .

— E se fôr um maroto?

— Qual maroto, filho. Cala-te ahi. Um senhor padre, que aquillo não é homem, é um santinho.

— E se lhe disser que é um maroto, madrinha? E se lhe disser que venho dar-lhe cabo da casta, madrinha? Que o arreberto se o fôr?

O rapaz rugia estas palavras, acompanhando-as de gestos hostis, fazendo menção d'estrangular o proximo.

A tecedeira levantou-se com medo, e foi-se retirando ás recuadas. O afilhado vendo aquillo, caiu então em si, serenou um pouco, e disse-lhe mais moderadamente:

Eu primeiro quero averiguar. Se fôr verdade, ou elle dá cabo de mim, ou eu cabo

d'elle. Ha-de encontrar homem. E d'ahi arrumou: ou elle me mata a mim, ou lhe dou cabo da pelle.

A tecedeira ficou toda tremula. No conceito d'ella, o sr. Padre Matheus era o ideal dos sacerdotes e a Maria da Piedade a creatura mais innocente e immaculada d'este mundo! Por isso, com as mãos postas, e os olhos no céu, exclamava:

— Tua irmã! Oh! meu Divino Paç do Céu! Ella que é que nem uma rosa! Está escorreltinha de corpo e d'alma, como Deus a deitou a este mundo! Pobre rapariga! Olha agora os meus peccados! . . .

Logo que o afilhado saiu, deitou-se de joelhos aos pés da cama, com os olhos pregados na imagem do Bom Jesus, de mãos postas, a rezar fervorosamente. A tecedeira pedia a Deus pelo afilhado, pela Maria da Piedade e pelo Padre Matheus. Sem discutir na sua consciencia a falta de que o pintor o accusava, pensava que o abbade era um desgraçado!

O Antonio do Bacello saiu de casa da Josefa tecedeira e dirigiu-se para casa da mãe. Á maneira que se approximava, contrahia-se-lhe o coração n'uma angustia terrível!

Ao dobrar um atalho, lobiçou, por entre uns castanheiros, o muro tosco do quintal, erriçado de silvas. A cancella da eira estava aberta. A uma janella, que deitava para a horta, assomou de repente a irmã, com um lenço branco cruzado no peito e os braços arremangados. A rapariga debruçou-se um instante no peitoril; mas retrahiu-se logo, apurou-se, e deteve-se no desvão da janella, a observar com attenção o desconhecido que ali apparecia inesperadamente.

O pintor caminhava lentamente, espreitando por baixo do guarda-sol, que o resguardava.

Assim que chegou junto da cancella parou. Maria da Piedade debruçou-se outra vez, e perguntou com timidez:

— Procura alguém, meu senhor?

Era a mesma voz tão meiga, tão cristallina da sua querida irmã!

Antonio estremeceu; e, inclinando o guarda-sol para traz, ergueu a cabeça e sorriu-se.

A rapariga fitou-o um instante; e logo que reconheceu o irmão, soltou um grito de explosiva alegria, e desceu á eira para o abraçar.

O pintor dissimulou quanto poude a duvida que o torturava. Abraçou a irmã com natural contentamento; e, segurando-lhe a cabeça entre as mãos, olhava-a com fixidez, beijava-a com vehemente ternura, pensando:

— Oh! meu Deus! pois será verdade?!

Foram d'ali ambos ter com a mãe, pobre velhinha, que, ao ver inesperadamente o querido filho da sua alma, deixou pender os braços, abriu a bocca, estrangulando-se-lhe na garganta uma exclamação de indissolvel jubilo, e ficou como estarecida, no limiar da porta, com os olhos espantados.

— E' o nosso Antonio, minha mãe — dizia Maria da Piedade, a rir, passando o braço aos hombros do irmão — E' o nosso Antonio, que chegou agora do Brazil.

Não se imagina! Foram benções, lagrimas, beijos, abraços, uma santa e doce effusão de alegria entre os tres! Aquillo durou alguns minutos; e as duas mulheres não faziam senão disputar cada uma para si o pobre rapaz.

Passado tempo, sentou-se no meio da irmã e da mãe, e principiou a inquirir novidades da terra. Tudo no espirito d'elle era o immenso desejo de saber se tinham realidade as suspeitas do amigo. Endireitou, por isso, logo com o assumpto, que a anciedade não lhe permitia delongas nem rodeios. Principiou com dissimulação:

— Lá soube tambem no Rio, da morte do prior! Coitado! Era bom padre.

— O padre José? — disse a mãe — Deus lhe falle n'alma, mas era bom homem, ai! lá isso era.

— E o que veio agora, que tal?

— O sr. Padre Matheus?

— É Matheus? Bom nome. Mas que tal?

— Ai! é um santo — respondeu ella — não fazes idéa, um santo.

Maria da Piedade deixava falar a mãe. O silencio da irmã contrariava um pouco o rapaz. Voltou-se então para ella, e perguntou-lhe, a sorrir:

— Dá grandes penitencias, dá? Ralha muito com as raparigas? Deve ralhar, hein?

Maria da Piedade enrubresceu, e, fazendo um leve trejeito de hombros, respondeu acanhadamente:

— É consoante, mano: se ha muitos peccados . . .

E, pretextando uma ideia futil, ergueu-se de repente, e sahio da sala.

Antonio do Bacello, a sós com a mãe, continuou:

— É ainda homem novo, minha mãe?

— Quem, filho, quem? — disse a velha.

— O novo padre; pois de quem se fala?

— Ah! é novo, é; mas tem tantas virtudes!

Aconselha tão bem a gente, que uma pessoa ouvil-o, é ouvir Nosso Senhor a falar pela bocca d'elle.

— Assim deve de ser.

— Elle vem por aqui a miudo — proseguiu ella — Gosta muito da Piedade. Diz-me sempre: a sua filha, sr.^a Anna, está no céu. É o exemplo das raparigas.

— E diz a verdade.

— Olha, talvez elle cá venha hoje. Se acontecer de passar por aqui, não o faz, que não entre. Eu até quando lhe ouço os passos, fico logo toda contente! Ai! é um santinho, o sr. Padre Matheus!

— E diga-me, minha mãe — insistiu inquieto o pintor — e o Thomé, ainda vem por cá?

— Vem, de longe em longe, vem. Topamol-o ás vezes por ahi: e olha que é teu amigo, Antonio. Pergunta-me sempre que o vejo: então quando vem o seu filho, tia Anna? Isso, o rapaz se te sabe cá, salta ahi de contente que, nem que fosse uma romaria!

(Continua.)

ALBERTO BRAGA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

Nova machina phono-stenographica de Michela

Desde 1867, em que na exposição de Paris, mr. Gensoul apresentou uma machina stenographica, para simplificar o trabalho dos tachygraphos, que se tem feito varias tentativas no sentido de melhorar e aperfeiçoar a tachygraphia manual. Nenhum resultado, porem, verdadeiramente serio se tinha obtido até á pouco, em que o sr. Michela acaba de apresentar a sua machina phono-stenographica, a qual parece resolver de todo o problema.

Esta machina já hoje em uso no parlamento italiano, foi ultimamente ensaiada na camara dos deput. dos e no senado de França, e de facto as experiencias ali feitas satisfizeram o fim a que se propunham.

A machina composta de uma pequena caixa de 40 cent. de comprimento por 25 de largura e 15 de altura, assenta sobre um tripé volante. Tem 20 teclas como as de um piano e é com estas teclas que o operador imprime movimento a outros tantos pontões, que por um mechanismo interior, ainda muito semelhante ao do piano, vão marcar diferentes signaes em uma fita de papel que se desenrola de um tambor e passando em contacto com os pontões recebe a impressão d'estes.

Todo este mechanismo se move simultaneamente á acção das teclas, e os signaes impressos no papel, tanto podem ser visiveis simplesmente pela cravação dos pontões, como pela impressão a tinta, quando entre

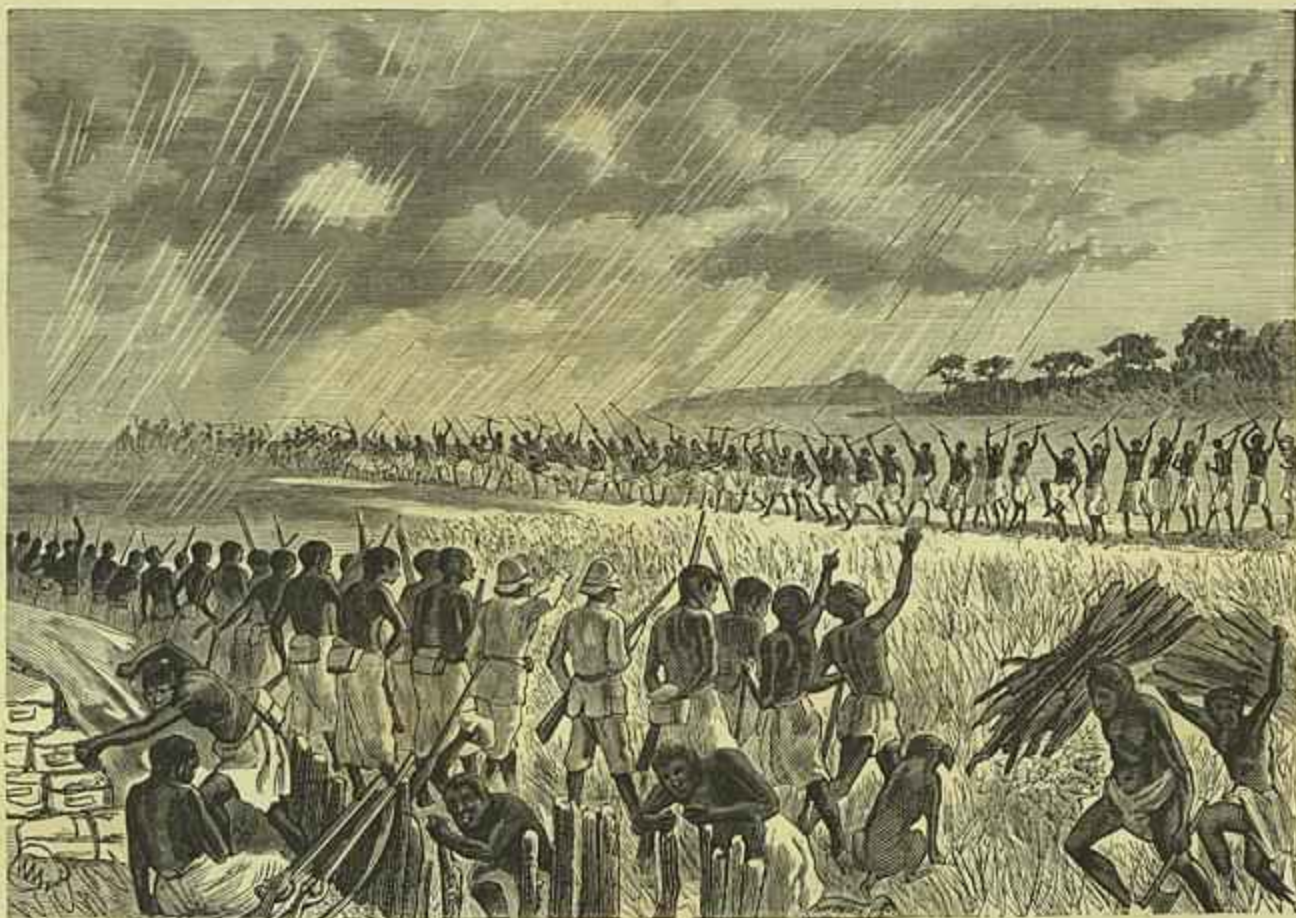
ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

A' voz do rei não ha coisa forte.

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



Uma Guerra NAS MARGENS DO CUANGO (Segundo um desenho dos exploradores Capello e Ivens)

os ponzões e a fita de papel, se applique uma outra fita de papel imbebida em tinta.

Sendo os ponzões apenas vinte, representam os signaes d'estes unicamente sons, com a combinação dos quaes se formam as syllabas e depois as palavras, ou para melhor intelligencia do leitor, os signaes que os ponzões marcam são um alfabeto mais simplificado, como já o é o da tachygraphia que tira os seus caracteres da semi-circunferencia do circulo e seus diametros, ou ainda como o systema usado no telegrapho de Morse para a transmissão de palavras, legíveis no papel por meio de pequenos pontos e linhas mais ou menos prolongadas.

A machina phono-stenographica do sr. Michella não invalida o trabalho do tachygrapho, mas simplifica-o e torna-o menos violento, desde que o tachygrapho tenha o sufficiente conhecimento d'ella e tenha adquirido a pratica necessaria para operar com o seu machinismo.

A LYRA INTIMA

POR JOAQUIM D'ARAÚJO

Este livro devia apparecer na primavera, com o primeiro lilaz e o primeiro canto da cotovia, mas a tempestade alfogou as aves e as flores — e o livro appareceu sem companheiros. O que vale porém é que o seu perfume e a sua canção são eternos — é o perfume da mocidade, é a canção do amor. Chova ou troveja embora, esse perfume ha de envolver-se em iriadas espiraes, essa canção ha de soltar as suas estrophes aladas.

Conhecia já a grande maioria, a quasi totalidade das composições que Joaquim d'Araújo reuniu n'este volume encantador. Muitas vezes em epocas e logares bem diversos lh'as ouvi recitar, com a sua voz um pouco emphatica mas impregnada d'uma verdadeira sensibilidade e commoção e apesar d'isto a impressão da leitura foi poderosa e vehemente, e aquella doce e scintillante poesia ressoou ao meu espirito como uma musica espontanea e nova.

Joaquim d'Araújo é um sonhador mas não positivamente um melancolico. A sua fina natureza artistica tem essa incalculavel força da concentração e do intimo isolamento que distingue o artista do simples dilettante. Ninguém como elle sente os seus versos. Faz mais, vive-os. N'ello, nada de artificial, do obtido por processo. O verso, alegre, heroico, ou triste sao da sua penna como, em virtude dos cambiantes d'uma alma, podem irromper dos mesmos labios, um gemido, um brado, uma gargalhada. É o poeta espontaneo, a lyra colla, vibrante a todas as alegrias e a todas as magnas, a alma de crystal, de que falla o poeta do *Eviradnus*, e que a tudo responde, como um *echo sonoro*.

Um grande e poderoso amor domina o livro inteiro. Quasi todo este bando maravilhoso de estrophes agita as suas azas em torno da mesma figura de mulher, vagamente esboçada, perdendo-se n'uma vaga e doce neblina e cujos traços delicados se fixam um pouco na poesia intitulada *Rondala*. Quasi todos os versos palpitam da mesma ardente e impetuosa aspiração. Quasi todas aquellas paginas amam com um vasto e nobre amor, que encontra a sua mais eloquente e intensa expressão n'aquellas duas adoraveis estrophes que se intitulam *Confiança*.

passos dos *Nocturnos* de Chopin e dos versos dos *Nocturnos* de Heine — os dois grandes Inspirados da Noite.

N'uma pagina ou n'outra a poesia abandona a sua feição subjectiva e contempladora para assumir um ardente e vigoroso colorido pantheista. Os *Versos Modernos* são 10 ou 12 brilhantes estrophes em que as imagens imprevistas e as rimas millionarias trocam entre si os seus esplendores de forma e som. Mas vê-se que não é esta a corda mais forte da lyra do poeta e elle abandona-a ás primeiras notas.

Nada mais admiravel do que o esmero e cuidado com que são trabalhados todos os versos — sem que se perceba o menor esforço, sem que um unico saia maguado d'aquelle labor extraordinario de execução. Isto escapa á grande maioria do publico que uma simples anthese sonora commove mais do que uma bella estrophe irreprensivelmente serena. Mas os artistas, os que sabem quantas horas de febre e lucta se consomem ás vezes em dar a um simples verso a sua expressão mais perfeita, em lapidar uma imagem de forma que ella escorra em luz e em côr pelas suas facetas caprichosas, os que sabem a que excitação se exaltam os nervos n'esta obscuro combate contra esse demónio incoercível da forma — teem a cada passo do parar de admiração na leitura d'esto livro e de se sentir penetrados d'um verdadeiro respeito por um tão poderoso artista. Citamos como exemplos as poesias *Lagrimas*, *Alcorada* e esse delicioso soneto que se intitula *Um verso de Camões*. Nunca metal mais puro se fundiu em molde mais irreprensivel.

Da 3.^a parte do livro destaca-se como um gemido a poesia intitulada *Minha Irmã*. Tudo quanto a dór humana pôde exprimir de sofrimento, de angustia, e religiosa saudade, tudo soluça n'aquellas quatro sublimes estrophes. É impossivel lê-las sem que os olhos se maregem de lagrimas e sem que o coração se aperte d'uma indizível magua. Numa carta dirigida ao poeta, dizia-lhe eu, em paragrafo allusivo áquella pungente elegia: — «Sei já de côr os versos a tua irmã, mas vou tratar de os esquecer quanto antes, porque a sua recordação dilacera». E mau grado meu, ainda

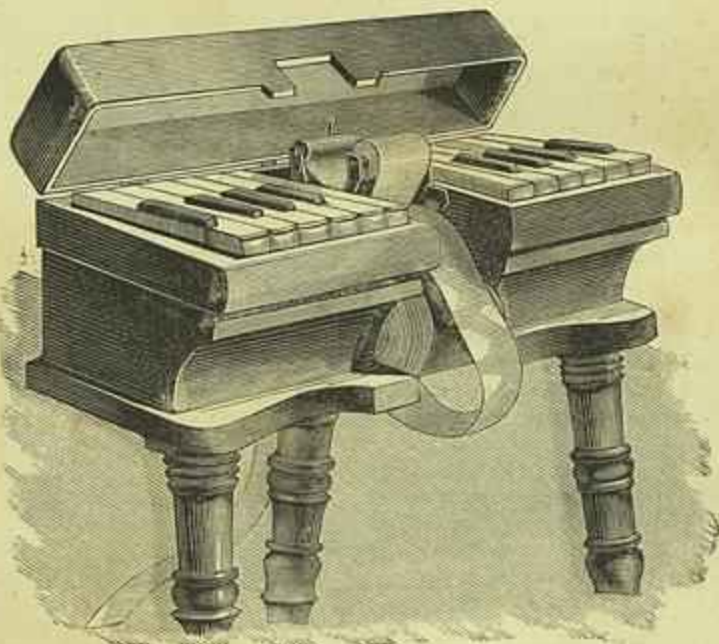
agora, a escrever estas linhas, a mesma impressão subsiste, a mesma virginal imagem se ergue deante de mim, pallida, inanimada e fria, e os versos echem ao meu espirito, mais solucantes do que nunca, vibrando lugubrememente como as badaladas d'um dobre longinco. Supremo poder da poesia!

JAYME DE SEGUIER.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6



NOVA MACHINA PHONO-STENOGRAPHICA DE M. MICHELLA

A minha alma, pomba, quando a beija
Do teu olhar a luz immaculada
Tem as consolações que ella deseja
A pobre encarcerada.
E como preso um passaro se agita
Nos grados do seu cárcere a voar.
Assim ella, tristissima, contricta
Vem toda ao meu olhar.

Que enorme poema se resume n'estes 8 versos! É uma das forças d'esto brilhante artista, a concentração d'uma immensa sentimentalidade e commoção, n'um molde severo e laconico. Ha n'este livro poesias de 4 ou 5 estrophes que dizem melhor e mais forte do que longos poemas em 10 cantos. Assim por exemplo a poesia *Revelação*, doixa no espirito essa vaga anciedade amorosa que se exhala como um perfume extranho e delicado dos com-